

A ESCOLA PRIMARIA

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Director

ALFREDO C. DE F. ALVIM

Gerente

REGINA DE SA' FREIRE ALVIM

Redacção : RUA 7 DE SETEMBRO, 174

Officinas : RUA DO CARMO, 43

ASSIGNATURAS :

| | | |
|--------------------------|--------------|---------|
| Para os Estados | um anno..... | 14\$000 |
| | 6 mezes..... | 7\$000 |
| Para o Districto Federal | um anno.... | 12\$000 |
| | 6 mezes..... | 6\$000 |
| União Postal..... | | 15\$000 |

SUMMARIO

| | | | |
|------------------------|--|------------------------------|--|
| — | Predios escolares | Ilka Labarthe..... | Jogos Educativos Brasileiros e seu papel psycho sensorial da criança |
| José Rangel..... | Preceitos velhos para os professores novos | Mestre-Escola ... | Tres palavrinhas |
| M. C. V..... | Topicos pedagogicos | Elzira Glyceria Lins..... | Problema de um só calculo |
| Fraucisco Prisco | José Verissimo — O Pedagogo | Eduviges M. P. Oliveira..... | Pratica da Escola Activa |

PREDIOS ESCOLARES

Já se pode ter por certo, felizmente, que não ficarão em vagos projectos, como de outras vezes tem occorrido no assumpto, os propositos da administração municipal relativamente á construcção de predios para escolas. Que o problema não comportava mais delongas tem sido comprehendido por todos os Prefeitos e directores do ensino, mas todos os projectos haviam lamentavelmente fracassado, sempre deante de razões acceitáveis.

Chegámos agora, afinal, a uma solução integral: está aberta concorrência para a construcção de 112 edificios adequados ao funcionamento das aulas, e situados em logares expressamente estudados, devendo fazer-se a monumental obra segundo normas perfeitamente estabelecidas, para o financiamento integral, em curto prazo, dentro dos recursos orçamentarios normaes.

Não se trata, evidentemente, de erguer

faustosos palacios, que se imponham pelo tamanho ou pela magnificencia. Serão construcções modernas, sem luxo, mas dotadas de todas as condições de hygiene e de conforto. Só a condição fundamental da capacidade ampla das salas concorrerá grandemente para melhora do ensino, dando á directoria de instrucção o recurso para distribuir mais equitativamente o professorado, pois acabarão as turmas de doze, quinze e vinte alumnos que hoje encontramos em tantas escolas, por deficiencia de dimensões das salas.

Não poderiam o snrs. Adolpho Bergamini e Raul de Faria prestar mais brilhante commemoracão á grande obra social realizada em Outubro de 1930 com a Revolução, do que iniciando na data de seu primeiro anniversario, conforme promettem, a construcção dos primeiros edificios de tão grandioso plano.

Conceitos velhos para os professores novos

— O professor de qualquer curso, para alcançar resultados satisfactorios no seu afanoso mister, deve, preliminarmente, se impor aos seus alumnos por uma irreprehensível norma de conducta.

— Dispor de consideravel cultura geral e de especiaes conhecimentos do vernaculo e da disciplina que professar, para honrar o magisterio e collocar-se na altura da sua elevada tarefa.

— Fazer-se estimar e respeitar, por seus alumnos, inspirando lhes confiança, por suas qualidades pessoas, delicadeza no trato e accentuado espirito de justiça.

— Acompanhar com grande interesse todos os progressos da sciencia pedagogica, adquirindo, para isso, livros e revistas sobre a especialidade.

— Transmittir interesse e despertar curiosidade em seus discipulos, pela materia que leccionar, tornando as suas aulas attrahentes, movimentadas e suggestivas.

— Tornar o ensino, tanto quanto possível, intuitivo, com abolição completa do verbalismo cathedratico, devendo dar preferencia á formação de cabedal util, com applicação ás necessidades da vida.

— Organizar no quadro negro schemas, quadros synopticos, graphics demonstrativos e summarios das lições ministradas, os quaes intelligentemente feitos, e interpretados, poderão, com vantagem, substituir os compendios, mas abolindo-se em absoluto o systema dos pontos dictados em aula.

— Aperfeiçoar-se na habilidade manual, cultivar as artes e especialmente o desenho, por constituir esta prenda um dos instrumentos mais efficientes para a transmissão de conhecimentos. Não será professor completo quem não conhecer o desenho e delle não souber tirar o devido partido.

— Ter as lições do dia conscienciosamente preparadas, para evitar vacillações e pausas no decurso da aula, sem-

pre de mau efeito no espirito dos alumnos.

— Para isso, ler varios compendios seleccionados, assimilar delles o essencial e necessario, apparelhar-se préviamente com o material didactico indispensavel á lição e lembrar-se de que o mais severo julgador dos meritos do professor é o proprio alumno.

— Encorajar a iniciativa dos discipulos e estimular o esforço dos menos aptos, mas sem deprimil-os com o confronto em relação aos mais capazes.

— Sempre que possível, empregar mais de um processo conducente á solução de problemas ou questões de qualquer natureza, provocando por parte do alumno a razão dos factos e phenomenos em observação.

— Manter a classe attenta e activa, questionando, para esse efeito, o maior numero, sem preferencia para os mais adelantados, esforçando se por obter a cõoperação maxima na realização de todos os trabalhos.

— Adoptar disciplina liberal, mas sem sacrificio da ordem que deve existir em todas as comunidades.

— Dar frequentes deveres, exercicios, questões, problemas, esboços graphics e outros trabalhos, a serem executados fóra da classe, mediante, porem, corrección escrupulosa e commentarios necesarios sobre os erros e faltas.

— Só excepcionalmente recorrer em aula a cadernos de notas e apontamentos, para que o alumno não ponha em duvida a sabedoria do mestre, sobre o assumpto.

— Nos casos de demonstrações practicas ou documentadas, executar antes da aula o trabalho, para que não venha a falhar, na hora, a experiencia, ou o funcionamento do apparelho.

— Esclarecer com solicitude e paciencia os pontos obscuros suggeridos pelo alumno; si o professor não estiver, porem, de momento, preparado para solucionar o caso em questão, deverá, só depois de devi-

damente esclarecido, satisfazer a curiosidade do interpellante.

— Orientar a classe no sentido da maxima producção, por parte dos alumnos, instigando os refractarios ou retardados, á actividade e ao trabalho, mas sempre por meio do estimulo moral sobre as vantagens da applicação aos estudos, e do trabalho como condição de prosperidade e vigor.

— Suggestionar o alumno para que não desanime de encontro aos primeiros insuccessos, convencendo-o de que, com interesse, esforço e tenacidade, vencerá todas as difficuldades, mesmo que não disponha de grandes recursos intellectuaes.

— Interessar-se pela saude do escolar e por sua situação social, incutindo-lhe a necessidade de ser economico, previdente e morigerado, adquirindo habitos de hygiene, de methodo, de ordem, de veracidade, de prestimo e de polidez.

— Ter sempre em vista que a melhor das escolas para ensinamento moral é o exemplo vivo do professor, que se constituirá em paradigma para a conducta dos seus alumnos, inclinados, naturalmente, a imitar os actos dos que têm sobre elles ascendencia espiritual.

— Sem pontualidade e assiduidade ao trabalho, sem capacidade e sem amor ao officio, sem estimulo e sem vibração por parte do professor, ficará radicalmente comprometido o ensino, tornando-se irremediavelmente falha a acção do educador no sentido, como lhe compete, de crear e aperfeiçoar valores humanos, uteis e aproveitaveis.

JOSE RANGEL.

TOPICOS PEDAGOGICOS

Objectivo da Escola Nova

Cabendo á escola, nos moldes actuaes em que está constituida, uma tarefa pedagogico-social, é logico que precisamos apparelha-la de forma que possa, pela sua extensão, influir na vida em suas varias accepções: individual, familiar, profissional, social e nacional.

Para isso, é preciso, acima de tudo, que os mestres não sejam simples «machinas de educar» mas que observem, sintam, experimentem e applicuem, conscienciosamente, os methodos, os processos, os systemas que a oportunidade lhes suggerir ou que as exigencias do meio lhes indicar.

Teremos, assim, em vez do «mestre mecanizado», o *mestre vivo*, dilatando até á sociedade o seu raio de acção.

Felizmente o movimento pela escola nova se vae alastrando progressivamente, e, as interpretações dos que a suppunham irrealizavel vão desapparecendo ante os resultados positivos que, por ella, se vêm obtendo.

Os objectivos da pedagogia moderna são perfeitamente humanos e sociaes: ella procura reunir os esforços e as contribuições de todos tornando a escola um elemento dynamico e constructivo.

Programmas, methodos, processos, serão suggeridos pelo meio ou a elle adaptados, ficando, porém, cada escola, com a liberdade de movimentos necesarios á sua boa organização e permittindo, por suavez, a cada professor, a autonomia didactica imprescindivel para se conseguir maximo, o melhor e o mais proveitoso.

Ha quem supponha que os processos da escola nova prejudicam a disciplina escolar. Mero engano: a disciplina da escola nova é activa, permite aos alumnos a liberdade de se movimentarem, de trocarem idéas, sempre sob o olhar vigilante do professor que procurará mantê-los occupados em tudo aquillo que os possa attrahir e prender.

Interpretada e sentida desta fórma, a escola nova não será apenas uma tentativa, uma experimentação feita aqui ou além, mas uma realidade perfeitamente de accordo com as aspirações das novas doutrinas educativas.

Classe infantil, maternal, ou preparatoria

A obra educativa não será completa emquanto não se cuidar de annexar a cada escola uma classe preparatoria onde devam

permanecer por algum tempo as crianças que têm de ingressar no curso primario aos sete annos.

Sendo esta idade o limite minimo para a matricula nas nossas escolas, urge não deixar que até essa época as crianças fiquem entregues a si mesmas, já pelo trabalho forçado das mães, na maioria domesticas ou operarias, já pela indiferença daquelles que se incumbem de cuidar-las nesse periodo em que ficam privadas dos carinhos maternos.

Sem duvida para os de mais tenra idade existem creches, apesar de em numero restricto, mas, para os de 4, 5 e 6 annos, abrigados nos jardins de infancia, rarissimos, e em pontos muito afastados uns dos outros, nada ha; e, assim, permanecem á mercê dos proprios instinctos até que, chegada a idade escolar, vêm os paes, as mães cuidadosas, fazer aos mestres a entrega dos filhos, com as recommendações de que lhes corrijam os defeitos que elles mesmos não souberam ou não puderam evitar.

Se os paes, pela sua ignorancia podem ser perdoados, algumas vezes, o mesmo não acontece em relação aos que fornecem os meios de instrucção e de educação.

Assim pensando, supponho que, arad attenuar esses males, seria conveniente, sobretudo nos meios industriaes muito populosos organizar classes infantis anexas aos Grupos Escolares, como inicio ao periodo escolar.

Embora existam os jardins de infancia, repetimos, são elles em numero deficitente e o que pretendemos não é estabelecer dentro de cada escola um jardim, mas sim que todas as escolas sejam de facto um «grande jardim» e que exista, desse modo um traço de união entre o meio familiar, de uma forma geral, e uma transição para o 1º anno.

Nessas classes infantis seriam dados jogos sensoriaes e despertado o gosto pela leitura por meio de pequenos contos desenvolvidos pelos mestres, vocabulario, jogos educativos, canticos, e preceitos hy-

gienicos indispensaveis desde a mais tenra infancia.

Teriam essas classes não só a vantagem de disciplinar os pequeninos como tambem concorrer para o decrescimento dos maos costumes servindo de correctivo as tendencias más. Da mesma forma não seria mais o 1º anno um anno de accommodações, como geralmente verificamos, porque as crianças, á excepção daquellas de mentalidade supernormal ou de meio excellent, não o vencem num só periodo escolar.

Dahi a formação das turmas de repetentes, sempre prejudiciaes.

Agora que se procura incentivar e desenvolver por todos os modos a escola activa, não se comprehende que se não cogite da organização das classes infantis, maternas ou preparatorias, como lhes queiram chamar.

Só assim conseguiremos realizar a verdadeira obra educativa, collocando a escola em condições de preencher cabalmente ás finalidades sociaes a que se propõe.

Nos Grupos Escolares José de Alencar, Gonçalves Dias e outros, em limitado numero, já existem classes dessa natureza, sendo que, no primeiro, foi organizado sem onus para os cofres municipaes e exclusivamente pela «Cooperativa de Consumo», de que nos occuparemos brevemente.

A esthetica das salas de aula

Ha muita gente que critica as arrumações que se procuram dar ás salas de aula e a ornamentação das mesmas, sem se lembrarem de que, o gosto artistico nunca é demasiado na organização de um lar, por mais modesto que seja ou de uma escola por muito pobre ou afastada para zonas remotas.

Em tudo váe uma grande dose de sensibilidade do professor, gosto artistico e mesmo, porque não dizê-lo com franqueza, de educação.

A dona de casa cuidadosa preoccupa-se sempre com o interior, com o ambiente familiar; a professora zelosa não se pôde descuidar de sua sala de aula onde passa longas horas do dia com os seus alumnos.

a quem deve transmittir principios de ordem, asseio e arranjo domestico.

A impressão visual que é sempre a que nos fere mais directamente, no primeiro momento, deve ser, tanto quanto possivel, agradavel, para que, num conjuncto e de relance se possa avaliar, pelo arranjo da classe, o espirito de ordem daquelle ou daquella que a dirige.

Geralmente a ordem nos objectos revela a ordem nos deveres, nas idéas e até define um caracter e affirma uma personalidade.

Portanto, são perfeitamente coherentes os educadores que se preocupam com o bom aspecto de suas classes, aliás preconizado pela pedagogia moderna.

Como, pois, ornamenta-la? Expondo em armarios, prateleiras, paredes, os trabalhos organizados pelos alumnos e o elementos preciosos que ás vezes trazem e procurando renovar esses pequenos museus de classe toda vez que se passe de um assumpto para outro.

Os primitivos objectos irão então para o museu geral da escola, como contribuição de cada classe.

Ha professoras que objectam que, sendo as escolas quasi sempre de dois turnos, torna-se difficil conseguir isso. A nós, parece-nos muito facil. Na escola deve presidir o espirito de solidariedade e collaboração, mormente sendo só um director para os dois turnos...

Basta unicamente determinar os espaços para os trabalhos de cada classe em cada turno e, assim, na mesma sala, poderão funcionar em turnos differentes, turmas tambem diversas.

Cumpré, porém, resaltar que só devem ser escolhidos e expostos objectos que sirvam para o estudo de observação das classes ou trabalhos de expressão, como sejam: desenhos, recortes, gravuras, sloyd, modelagem, mappas, graphics e trabalhos de agulha ou plantas.

Teremos, desse modo, um tom mais alegre e sadio, variando de sala para sala e despertando o interesse das crianças pelo estudo.

Aliás esse é um dos aspectos mais interessantes da escola nova.

M. C. V.

Material de Ensino

O mais completo sortimento de material didactico

— DE —

PHYSICA — CHIMICA — HISTORIA NATURAL — ANATOMIA
COMPARADA — DESENHO E ENGENHARIA

Material completo para jardins de infancia

Jogos educativos brasileiros de Mme. Artus Perrelet

EDITORES

VILLAS BOAS & CIA.

RUA 7 DE SETEMBRO, 219 a 225 — RIO DE JANEIRO

JOSÉ VERISSIMO

O PEDAGOGO

O Collegio Americano, fundado por José Verissimo, no Pará, em 1884, durou até 1890 e nelle havia systematicamente educação physica, o que era no tempo novidade digna de registo, um curso completo de instrução primaria e foi tentada, pela primeira vez na Provincia, a criação de um jardim de infancia, segundo o methodo de Froebel,

Instituido entre nós o regimen republicano, foi José Verissimo nomeado, em 1890, director da instrução publica do Pará. Ninguem em melhores condições. Na imprensa e na tribuna ninguem o excedera em enthusiasmo pela causa do ensino. Foi mesmo a educação o maior apostolado de sua vida e por ella, desde os tempos de moço até a idade propecta, dispendeu grande parte de sua actividade. Director de instrução no Pará; director do antigo Externato do Gymnasio Nacional; director da Escola Normal, onde era tambem cathedratico; professor do Pedagogium; poucos poderiam competir com José Verissimo em assumpto de Instrução Publica, que elle conhecia a preceito, pelo estudo e pela longa pratica do magisterio. Vejamos, porém, o que fez e os trabalhos que nos legou sobre o magno assumpto.

A Instrução Publica no Pará em 1890.

Havendo encontrado em pessima situação o ensino em sua terra, «o professorado desrespeitado nos seus direitos, esquecido dos seus deveres, pouco habilitado, a escola desorganizada, inapta para executar qualquer programma, os estabelecimentos de ensino publico em plena decadencia material e moral...», quiz José Verissimo reformar a

legislação vigente, combater os vicios e refugar os habitos perniciosos.

Eram então todos os males attribuidos ao regimen monarchico. Seria natural e até forçoso que os homens sobre cujos ombros sopesavam as responsabilidades inherentes á transformação politica de 89, fizessem alguma cousa em prol da instrução publica ou, mais propriamente, da educação nacional.

Na secção inaugural do Conselho Superior de Instrução, já dissera José Verissimo: «vã e inutil seria a revolução de 15 de Novembro e o movimento d'onde saiu a Republica, si dessa revolução e desse movimento não saisse um periodo de trabalho, de actividade, de reформа e acção pela regeneração e restauração da patria.»

Em 1882, dissera Ruy Barbosa que a chave de todas as desgraças que nos affligiam era a ignorancia popular.

Trinta e quatro annos depois, dos quaes 27 sob o regimen republicano, ouvia-se uma voz insuspeita e de autoridade sem parelha, porque de Miguel Couto: «a Republica, a que o Brasil deve tantos outros progressos, tem sido a madrasta das sciencias e das letras.»

E infelizmente é a verdade. Temos o prurido das reformas. Tudo amiude se reforma e tudo permanece sem organização e sem eficiencia, entregue as mais das vezes aos caprichos de administradores improvisados, guindados pela politica ás culminancias das posições. E todos, quasi sem excepção, meros politicos de aldeia ou homens que apenas occupam as funcções, mas não as desempenham, todos ou quasi todos reformam os serviços de que não entendem e de que nada sabem. O ensino, posto constitua o mais grave dos nossos problemas, para cuja solução se exigem conhecimento seguro do assumpto e visão larga de uma serie de ques-

tões correlatas; nem o ensino escapa a essas periodicas calamidades.

*
**

Homem isento de preconceitos, desassombrado em suas opiniões e attitudes, não se detinha José Verissimo apegado a questões de nonada.

Encarava de frente e do alto os assumptos, alheio aos interesses em causa, indifferente ás paixões tumultuarias, extranho á opinião dos poderosos. Sempre foi assim. Sempre. Desde os dias de juventude, quando lhe poderiam os seus talentos garantir honrarias e posições, preferia dizer a verdade, serenamente, lisamente, a pactuar com certas praticas que repugnavam á sua consciencia de homem de bem. Nunca escondeu o seu pensamento por fraqueza de animo ou, e ainda menos, movido por interesse subalternos.

Nas paginas do livro sobre a instrução no Pará, comquanto se trate dum relatorio official, encontramos a prova do que vimos de afirmar. Seguro da responsabilidade do seu nome, fechou o administrador ouvidos á toarada de em torno e disse com sinceridade e franqueza das deficiencias da instrução publica, dos males que a affligiam e o que cumpria fazer em seu beneficio.

De certo que a franqueza de seus periodos não agradou aos magnatas da politica, maxime porque era ella apontada sem rebuços como das causas da decadencia do ensino: «a invasão dominadora da politica, ou antes do partidario... nenhuma rebaixou mais o nosso Estado.»

Durante a sua curta administração, naturalmente não deixou José Verissimo resolvido o problema da instrução no Pará, mas agitou os mais serios dos objectos que lhe são affiis; a casa escolar, «que não pode ficar a merce nem do compadresco politico, nem da competencia problematica de uma reparti-

ção de obras publicas»; o mobiliario adequado; o ensino profissional; a co-educação dos sexos; o problema dos concursos; a perniciosa instabilidade da profesorado; a excessiva liberalidade em conceder licenças e jubilações...

Quando proclamada a Republica, taes eram os *problemas* educacionais num Estado da União, talvez que em todos elles... Em 1930, passados quarenta annos, são, em ultima analyse, os mesmas as questões que desafiam a competencia e a actividade dos directores de Instrução, na Capital Federal.

E' seguramente certo o que disse o avisado e probo director de Instrução do Pará: «quaesquer que sejam as divergencias de escolas, sobre os methodos, os systemas, a organização, o grão de efficacia, o modo de distribuição do ensino publico, o certo, o incontestavel, o definitivo é que a prosperidade nacional não pode repousar sobre outra base que não a instrução publica.»

Quando recebido na Academia Brasileira, contou Alberto Faria que ao assumir o governo paraense o sr. Lauro Sodre, *percebeu* Jose Verissimo que o novo presidente não resistiria ás injuncções partidarias. Licenciou-se... e não mais reassumiu o cargo que tanto dignificára.

Em carta com que me honrou o sr. Lauro Sodre, ha, porem, provas contrarias á desconfiança do saudoso escriptor paraense: «Entrados em periodo de vida nova pela promulgação da Constituição federal, ás minhas mãos vieram parar as redeas do governo, que exerci de 1891 ate 1897. E entre os pezares que soffri nesse longo e agitado periodo de seis annos, conto o de me ver privado dos serviços de Jose Verissimo...»

Em Janeiro de 1920, no n. 3 da *Revista da Lingua Portuguesa*, já publicamente refutára o sr. Lauro Sodre a mesma asserção. Vale a pena reler alguns trechos do illustrado senador: «O conceito, em que tenho o seu nome

agora, o mesmo é que me levava á estima e consideração em que sempre tive. E como governo, nem aos meus proprios olhos seria digno, si tão grande sacrificio fizesse, subordinando os meus actos a pequenos interesses, com damno dos grandes interesses do Estado. Em minh'alma ficou a grande magua de perder quem estava destinado a ser um dos mais valiosos auxiliares da minha administração.»

A passagem de José Verissimo pela directoria da instrucção publica do Pará, caracterizou-se pela sua acção constructora e pela clarividencia dum programma de realizações. E' ainda o sr. Lauro Sodré quem nos dá o seu valioso depoimento a respeito do saudoso educador patricio: «em verdade foi o organizador da instrucção publica do Pará, porque a orientação segura, que elle traçou nos primeiros dias do regimen republicano, marcou para sempre o rumo, que seguimos...»

Sem duvida que teve José Verissimo no desempenho de sua missão de ferir melindres e suscitar antipathias varias, mas, homem de um só parecer, de um só rosto, de uma só fé, de antes quebrar que torcer, como aquelle de Sa de Miranda, disse depois, satisfeito de si mesmo, «condescendencias eu não podia, não devia e não quiz ter.»

E foi assim, de cabeça erguida, altivo e digno, que, em 1891, trocou a vida provinciana pela da nossa metropole, attrahido por mais largos horizontes.

* * *

A Educação Nacional

A criação do Ministerio da Instrucção nos primeiros tempos da Republica, logo confiado a um profissional do ensino, a Benjamin Constant, encheu de alvoroto o coração de José Verissimo, dando-lhe esperanças de que melhores dias traria ao Brasil o regimen recém-inaugurado.

Não tardou, porém, que comessem a desaparecer as suas illusões. E' que em pouco viu o escriptor que a criação do novo ministerio obedecera apenas a uma tramoia, dessas em que são ferteis os bastidores da nossa politica.

Havendo necessidade de afastar da pasta da guerra Benjamin Constant, que não dera, ao que parece, boas provas de administrador, cumpria encontrar um meio de, sem irritação, dar-lhe outro mistér, compativel com as tendencias do seu espirito, certamente muito mais affeito ás questões do ensino do que ás da guerra.

Mais professor e ideologo do que soldado, e como era um simples, diz José Verissimo que Benjamin tomou a serio a nossa posição e com as melhores intenções, mas com pouco espirito pratico, reformou de alto a baixo a instrucção.

Foi a critica dessa reforma o assumpto com que encetou o illustre paraense no Rio de Janeiro a sua vida de jornalista. Não tem razão, de conseguinte, o sr. Veiga Miranda ao dizer que a reforma de Benjamin Constant não teve quem a estudasse a fundo, «ninguem a criticou, ninguém lhe propoz alterações».

Não. Ao assumir Rodolpho Dantas, em 1892, a direcção do *Jornal do Brasil*, convidou José Verissimo para ser um dos redactores do novo orgão, cujo traço caracteristico foi, na frase de Joaquim Nabuco, ser um jornal saído de um gabinete de estudo.

A reforma de instrucção de 8 de Novembro de 1890, entregava o ensino primario á competencia dos estados e exigia para a matricula nos cursos superiores, o certificado de estudos secundarios ou o titulo de bacharel em letras, dando, porém, aos estudantes o direito de terminaarem os estudos de accordo com a lei com que os iniciaram.

Esse caracter de pronunciado liberalismo não deixou de merecer os applausos de José Verissimo, espirito severo, mas profundamente justo.

Tinham os estados o Direito de conferir diplomas de estudos secundarios, desde que fossem taes estudos feitos de accordo com os programmas do estabelecimento modelo, que era o Gymnasio Nacional.

Infelizmente não se fizeram esperar os frutos dessa liberalidade talvez excessiva. Surgiram em quasi todos os estados e na propria Capital os taes collegios equiparados, a cujo espirito mercantil se deva em grande parte o descabro a que chegamos em materia de ensino.

Nunca nos deu a reforma de Benjamin Constant os beneficios que della era licito esperar. Como observou o sr. Medeiros e Albuquerque, a unica parte posta em execução foi a tabella de vencimentos. Benjamin, quem o diz é o já citado sr. Veiga Miranda, desejou elevar a mentalidade dos moços e não conseguiu senão exactamenteo contrario.

Outro não é ainda o pensar do Barão de Loreto, quando diz na *Década Republicana* (vol. II), que as reformas que Benjamin orientou pelo positivismo, tornaram-se inexequiveis na pratica: «Não alcançou desempenhar-se da missão que, no advento da Republica, tomou sobre os ombros: as suas reformas de instrucção ou abortaram, ou não a fizeram progredir.»

O chefe do positivismo entre nós, Teixeira Mendes, cujo nome é sempre invocado sob uma auréola de veneração e respeito, escreveu no livro sobre Benjamin Constant que *suas reformas didacticas constituíam uma gravissima infracção da Politica Positiva*.

Considerando taes reformas como simples amálgama das antigas cadeiras pedantocraticas com a hierarchia theorica do positivismo, disse Teixeira Mendes que, como Ministro da Instrucção, Benjamin é digno de apreço por-

que auxiliou Decio Villares na execução do quadro sobre *A Epopéa Africana no Brasil!*

E', como se ve, interessante a questão. Emquanto consideram uns a reforma de instrucção de 1890 como inviavel, mercê do aspecto da religião que deixava transparecer, eis que o proprio chefe da seita declara, entretanto, que a refuta, porque constitue gravissima infracção aos cânones positivistas!

Como quer que seja, e a mim pouco me importa esse caracter de proselytismo, alheio e avesso que sou a todos os credos e todas as religiões; o que é fora de duvida é que a reforma de Benjamin Constant trazia em si a causa da propria morte: ter sido elaborada á revelia do ambiente, isto é, alheia ao seu meio e ao seu tempo.

A intromissão da politica foi outro motivo do fracasso em que redundou a reforma. Demais disso, o momento não era azado á obra dessa natureza: «Epoca do encarne politico dos republicanos da vespera, do dia e até do dia seguinte, escreve José Verissimo, elles acudiam famelicos á mangedoura do orçamento, onde com pouca dignidade e compostura a maioria disputava a baia repleta que lhes pagasse das forçadas prodigalidades do ostracismo monarchico.» Era preciso, portanto, amparar o devotamento dos amigos, cuja dedicação aos partidos é sempre remunerada á custa dos eternamente exhaustos cofres publicos. Havia varias cadeiras a preencher nos estabelecimentos de ensino. Que melhor do que *dál-as* aos correligionarios? Era essa a bitola de aferição de valores, de modo que, como lembra Jose Verissimo, alguns dos professores, assim pelo favoritismo aquinhoados, foram mandados a Europa, estudar as materias que deviam leccionar!

Os concursos ficaram extinctos e abriu-se de par em par a porta larga do filhotismo. Era esse aliás o movel principal, senão unico, a que obedeceu a

criação do Ministerio, tanto que, passada a crise politica que o engendrou, foi logo supprimido, como verdadeiramente superfluo.

Passaram-se os annos. consolidou-se a forma republicana e a instrucção publica, que ate 1889 «era no Brasil apenas uma alinea obrigada da Fala do throno», chegou depois a perder esse mesmo lugar «nas Falas do throno da republica, que são as mensagens presidenciaes.»

* * *

Certo de que a simples mudança da forma de governo não bastava para nos abrir nova era de regeneração, preconizava Jose Verissimo a educação, como o unico meio capaz de reformar e restaurar o nosso povo. Para isso eram necessarias modificacões diversas na orientação do ensino.

O estudo da Historia, por exemplo, sempre feito em mediocres compendios de perguntas e respostas, quisera-o Jose Verissimo assente no conhecimento das tradições, com character patriotico e genuinamente brasileiro, como dos meios mais efficazes de educação nacional

Deve ser iniciado no segundo livro de leitura, cujos capitulos, de contos populares e lendas, devem ser entremeiados de pequenas narrativas historicas, das mais proprias a despertar a curiosidade e prender a attenção das crianças.

Não è a Historia propriamente que ellas aprõnderão, mas factos historicos, que lhes irão desde o inicio da vida escolar, despertando, de par com o orgulho da sua nacionalidade, o amor da sua terra e da sua gente, que è o em que, em ultima analyse, constitue o sentimento do patriotismo.

A educação da mulher, cuja intelligencia Jose Verissimo considerava inferior a do homem, mereceu tambem a sua attenção. Ao tempo em que escrevia, comquanto já não estivesse a mu-

lher brasileira sujeita á mesma vida de reclusão e alheamente, ainda muito longe andava do que observamos hoje.

Foram em grande parte as Escolas Normaes, espalhadas por varias cidades mesmo do interior, que contribuíram se modificasse a deploravel situação da mulher entre nós, não só lhe ministrando mais alta instrucção, mas tambem concorrendo para que ella ficasse em contacto com o homem, de que vivia distanciada, como de inimigo certo e á socapa.

Agora a mulher concorre comnosco nas profissões liberaes, na burocracia, na vida commercial. Nos concursos de repartições publicas, conquistam as mais das vezes os primeiros lugares, e, quanto ao professorado, não ha hoje opinião discordante quanto á superioridade da mulher comparada ao homem.

Já disse Afranio Peixoto, que a pedagogia primaria é uma função feminina.

O ensino municipal entre nós, não fossem as reformas, que o perturbam e os programmas de *mentira* que o regem, dada a competencia e tendo em conta o desvelo do professorado, seria digno das mais encomiasticas referencias.

Infelizmente, porém, as reformas são, como dizia Euclydes da Cunha, simplesmente pelas cimalthas. As escolas na maioria em predios sem condições as mais elementases de hygiene, sem ar e sem luz sufficientes, sem material e sem orientação, continuam a resentir-se dos mesmos males de ha 20 annos ou mais. Ha apenas maior numero de autoridades, mais associações, caixas escolares, circulos de paes e o que ha de menos, infinitamente menos, incomparavelmente menos, é ensino!

Os programmas são, todavia, dos mais sumptuosos. José Verissimo, logo depois da proclamação da Republica, observava já o mesmo sestro e nos advertia da sua filaucia: «Nem ha que fiarmo-nos nos programmas pomposos-

como os ama a pedanteria indigena. Quem os conhece e pode cotejar a theoria com a pratica, e está informado do que é de facto o ensino nessas escolas, sabe que abysmo ha entre as exigencias, commumente até despropositadas, dos programmas e o ensino neilas realmente dado.

«E' bem sabido que, pelo que respeita a programmas, o Brasil é talvez o paiz mais adiantado em instrucção publica.»

Ao envês, porém, de programmas espalhafatosos e sem finalidade, quizera José Verissimo fosse o problema da educação encarado pelo prisma nacional, como fonte de progresso, de civilização e de grandeza.

Fôra para isso necessaria uma reforma radical que, a começar pelo livro de leitura, em cujas paginas devia caber a primazia a cousas brasileiras, passasse pela educação physica e terminasse na educação do character, «que é a mais elevada forma da educação moral».

Mas não só. Tinha o escriptor paraense perfeita comprehensão do assumpto, que caboucou até as mais intimas profunduras, de maneira que as idéas pelas quaes se bateu ha mais de trinta annos, são seguramente as unicas cousas aproveitaveis de todo o acervo de novidades pedagogicas que figuram hoje na ribalta...

O ensino da hygiene e da puericultura, a construcção de prados para exercicios physicos da criança; o ensino da geographia, não como simples nomenclatura, mas como o estudo da verdadeira psychologia da terra... de tudo isso trata Jose Verissimo em seu livro, escripto faz 41 annos.

Entendia o illustre escriptor que muito haviamos que aprender dos Estados-Unidos, aprender e não copiar, e é digna de leitura, porque derrama intensa luz sobre a psychologia do autor, a confissão que elle faz do seu sentimento para com a nação *yankée*: «Eu,

confesso, não tenho pela desmascada e apregoadissima civilização americana, senão uma mediocre inveja. E no fundo do meu coração de brasileiro alguma cousa ha que desdenha daquella nação tão excessivamente pratica, tão coissalmente egoista e tão eminentemente, perdoem-me a expressão, strugforliffista. Essa civilização sobretudo material, commercial, arrogante e reclamista, não a nego grande; admiro-a, mas não a estimo. Esse paiz novo, onde ha fortunas que fazem fantasticas as lendarias riquezas dos nababos, quando o proletariado, com as suas justas reivindicações, já se lobriga através de uma grandeza desmedida, offende a minha simpleza de matuto chão e honesto. Essa politica cruel que veda a um povo a entrada do paiz, persegue-o e lyncha-o; que massacra toda uma raça; que tem uma habilidade especial para adestrar cães contra outra e que, de Biblia na mão, discute, justifica applaude e exalta a escravidão, fere de frente a idéa que da equidade e da justiça tenho. Aquella corrupção politica que tanto impressionou Spencer e quantos publicistas têm visitado e estudado os Estados-Unidos, repugna ao meu senso moral. Aquelle puffismo, aquella chalartauice do jornalismo, com seus titulos enormes, extravagantes, mentirosos, de um reclamo desfaçado e insolente, escandalizam a minha probidade literaria. Aquella supremacia brutal das massas, aquelle reino absoluto do numero, revoltam a minha liberdade espiritual.»

E em segunda explica José Verissimo que, perante a patria, que estremece, e perante a sociedade a que pertence, é apenas um homem de boa vontade. «Foi com a boa vontade de servir o meu paiz que escrevi este livro, acaso inutil.»

A *Educação Nacional* é um dos melhores trabalhos que temos sobre o assumpto. E' uma sementeira de idéas. E' obra de siceridade, ponderação e ver-

dadeiro e sadio entusiasmo pelo problema educacional, que é aqui encarado sob o ponto de vista *brasileiro*.

José Verissimo tinha realmente alta compreensão do assumpto. Alliava a pratica ao saber, de modo que não era desses pedagogos improvisados, que se alimentam de idéas alheias, sem applicação no nosso meio.

O sr. Carneiro Leão, que é sem favor uma das nossas autoridades em questões de ensino, não occultou o seu entusiasmo ante o livro magistral: «Num paiz como o nosso sem educação e sem directriz, este livro é uma especie de evangelho, que todos deviam meditar e possuir.

«Educação Nacional quisera que fosse dada a todo o homem de responsabilidade, a toda a criatura que possa, um dia, influir no nosso destino, a todo o moço que represente uma esperança, a toda a mocidade, emfim, que é renovo e vigor e é força e é seiva nova para formar victorioso o nosso Brasil futuro.»

A Instrução Publica (1500-1900)

A Instrução Publica e a Imprensa, trabalho que o proprio autor considerou mais tarde deficiente, constitue um dos capitulos do 1.º vol. do *Livro do Centenario*.

Começa José Verissimo por accentuar o que devemos aos jesuitas em materia de ensino. Foram elles que criaram e quasi mantiveram por dois seculos o ensino publico em nossa patria, até que, em 1759, expulsos de Portugal e de suas colonias, tambem tiveram pelo Marquez de Pombal condemnados os seus methodos pedagogicos.

Organizado o ensino pela lei de 6 de Setembro de 1772, em que o governo tomava a si a função educadora, foi instituido para esse fim um imposto, a que se deu o nome de subsidio literario. Foram então estabelecidas as aulas ou

Rio de Janeiro e em varias capitánias todas com a orientação dogmatica do tempo, em que a memoria preponderava sobre as facultades do raciocinio e do exame. Só muitos annos depois se modificou a situação, com a criação do Collegio de Pedro II, em 1837, e a reforma da instrução feita quasi 20 annos mais tarde, pelo Visconde de Bom Retiro.

Entendia José Verissimo que a reforma de Couto Ferraz trazia em si «as medidas mais consideraveis que já no Brasil se tomaram em relação á instrução publica. Ellas comprehenderam o ensino primario, secundario e superior, e as inspirou não só a mais adiantada e esclarecida pedagogia do tempo, como um conhecimento exacto das condições e das necessidades do meio a que eram applicadas.»

A criação de Faculdades de Direito em Olinda e em S. Paulo; das Faculdades de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro; a Academia Militar ou Escola Militar; a Escola Central ou Polytechnica; a Escola de Minas de Ouro Preto; a Escola Normal do Rio de Janeiro foram os principaes estabelecimentos de iustrução legados pelo Imperio á Republica.

A Escola de Bellas Artes e o Conservatorio de Musica eram tambem centros de estudos dignos de referencia.

Com a mudança do regime politico, foi, como já vimos, criado em Abril de 1890, o Ministerio da Instrução, com a exdruxula companhia dos Correios e Telegraphos.

Benjamin Constant reformou todo o ensino, e a critica dessa reforma, como já vimos tambem, fel-a José Verissimo pelas columnas do *Jornal do Brasil*.

Extincto o Ministerio da Instrução, tratou-se logo de reformar a reforma, como é dos nossos habitos de gente irreflectida e instavel.

Na opinião do saudoso escriptor paraense, foi o Pedagogium uma inno-

vação feliz. Cabia a esse estabelecimento o papel de centro impulsor das reformas e melhoramentos de que carecia a instrução nacional, cabendo-lhe tambem a função centralizadora de tudo quanto se fizesse no Brasil em materia de ensino publico. Teria, assim, função identica ao *Bureau of Education* dos Estados Unidos.

Não foi, entretanto, comprehendida a vantagem que ao ensino traria o Pedagogium e, entregue á Prefeitura Municipal e desvirtuado dos seus fins, acabou sob o estigma de *custosa inutilidade*.

* * *

O trabalho sob a instrução é, como se vê e como não podia deixar de ser, parte de uma publicação, apenas uma synthese relativa ao assumpto.

A obra definitiva ficou inconclusa. Seria a *Historia da Instrução Publica no Brasil*, de que foram publicados alguns capitulos na revista carioca *Educação e Pediatria*, de Franco Vaz e Alvaro Reis. São lições de um curso feito no Pedagogium, por inspiração do director interino Dr. José Barbosa Rodrigues.

No n. 1 da revista vêm os *Antecedentes historicos do ensino publico no Brasil*. — *Os Jesuitas e as reformas de Pombal*; no n. 2 vem a lição inaugural do curso; nos ns. 6 e 7, correspondentes a Novembro e Dezembro de 1913, vem o estudo sobre *A Companhia de Jesus e o Ensino*; nos ns. correspondentes aos mezes de Abril a Dezembro de 1914, vem estampada a lição sobre *Outros factores da instrução no Brasil — Ordens religiosas; seu ensino — Seminarios episcopaes*.

Na collecção da *Educação e Pediatria* existente na Bibliotheca Nacional, collecção aliás incompleta, foram só estes os trabalhos que encontrei de José Verissimo, alem duma longa «carta aberta» ao sr. Wenceslau Braz, *Pela Educação Nacional*: «Queira V. Ex. informar-se por miudo do que é *de facto*,

na pratica, o ensino publico no Brasil e ficará assombrado da miseria pedagogica, moral e material em que caiu, e que o Brasil paga aliás larguissimamente. Ha nelle, como V. Exa. pode verificar, abusos clamorosos, prevaricações escandalosas que estão pedindo um administrador capaz, honesto e energetico, que as corte e lhes impeça a re-produção.»

E mais adiante: «Desejo que V. Exa. seja o estadista a quem venha o Brasil a dever o maximo reconhecimento, por haver tomado a serio os interesses da sua cultura, que é o mesmo que dizer da sua futura grandeza.»

Creio ser inutil accrescentar que o sr. Wenceslau Braz não quiz ser o estadista com que sonhara José Verissimo...

Na revista *Educação Nacional*, de que saíram apenas alguns numeros, foram dados á estampa os seguintes artigos: *O mal do nosso ensino publico*; *O ensino da historia na Escola Normal*; *O ensino municipal no Rio de Janeiro*.

Na *Revista Brasileira* (fasc. 11, de 1895) veio a lição inaugural de Pedagogia, dada no antigo Pedagogium.

Ahi esclarece o professor a sua concepção da materia. A Pedagogia não é para elle uma sciencia, senão uma arte, a arte de educar, «a primeira das artes», segundo Augusto Comte.

E' com a Medicina que compara José Verissimo a Pedagogia.

A Medicina repousa sobre sciencias positivas, a physiologia, a pathologia, etc; a Pedagogia baseia seus ensinamentos nos resultados da physiologia, da psychologia, da sociologia e da moral. «Umam fornecem-lhe o conhecimento exacto da natureza humana, outras lhe dão o criterio seguro dos modos e dos fins da educação.»

Ainda ha, publicado pela Imprensa Nacional, um trabalho do illustre paraense sobre as *Condições a que devom satisfazer os livros destinados ao ensino primario e secundario*. Foi por elle apresentado, em 1892, ao Conselho

Director da Instrucção Publica. Tal trabalho, que e muito raro, existe na Bibliotheca Nacional.

* * *

Pedagogo de maço e mona, como diria um classico, apenas um volume didactico e ainda assim de exiguas proporções e para uso de suas alumnas da Escola Normal, foi o que nos legou José Verissimo. Elle o escreveu com o intuito de tornar mais efficiente o ensino da Historia da Civilização e especialmente da America, que era o que lhe cumpria professar.

Não lhe parecendo adequado nem racional a ensino isolado da Historia da Civilização, sem o conhecimento, ainda superficial, da Historia Geral, juntou no seu livro as duas disciplinas, dando-lhe então o nome de *Historia Geral e da Civilização*.

Appareceu em 1916, pouco depois de morto o autor e, comquanto se trate dum resumo demasiado succinto, tem tido generosa acolhida por parte dos alumnos do instituto a que se destina.

* * *

Homem de habitos severos, rigoroso e disciplinador, pode-se avaliar com justeza da seriedade e correcção que emprestava José Verissimo aos estabelecimentos que dirigia.

No Externato do Gymnasio Nacional e na Escola Normal deixou a sua passagem a lembrança de um administrador esclarecido e exigente, mas fundamentalmente justo. A nitida consciencia das suas responsabilidades, quem o declara é o sr. Ramiz Galvão, abafava nelle os impulsos da sensibilidade, dava-lhe a apparencia de uma rijidez glacial, que de facto elle não tinha senão para as grandes luctas da vida.

Pobre e chefe de numerosa familia, bem se comprehende o apreço em que tinha José Verissimo as suas funções na direcção do Gymnasio Nacional.

Bastou, porém, que lhe não attendesse o Ministro da Justiça ao protesto por elle endereçado quanto á occupação do estabelecimento que dirigia pela Faculdade de Sciencias Juridicas, para que pedisse immediatamente demissão. Em longo artigo, estampado no *Jornal do Commercio* de 30 de Agosto de 1898, elle dá as suas razões, acabando por dizer que a decisão do Ministro não é só uma desconsideração, mas uma humilhação, a que se não podia submeter.

E não se submetteu!

Não era só a superioridade intellectual que fazia desse homem uma figura de grande relevo em nossa terra, mas tambem e principalmente a rizeja singular da sua tempera. Ninguem melhor do que o sr. Ramiz Galvão para escrever de José Verissimo, de quem foi admirador e amigo de todos os tempos: «homem de character, cidadão integro, que, alentado pelas suas convicções e inspirado pelo seu patriotismo, não curvou a cerviz em tempo algum ao mando de interesses vis e de convenienciassfallazes.

«Sua alma era da rija tempera dos grandes Romanos. Enojava-o a subserviencia. Quisera antes soffrer, e soffreu; mas altivo e nobre não sacrificou jamais a dignidade propria ás seducções do lucro e das posições».

Excepcionalmente bem inspirados, andaram, portanto, os governos do Pará e do Districto Federal, ao darem a estabelecimentos de ensino o nome do extinto pedagogo. Foi a unica e miniguada recompensa por elle alcançada em troca dum labor de mais de 30 annos em prol da educação nacional...

Coube-lhe assim como juro de gloria, segundo a frase causticante de Alberto Faria, o mesmo premio que, nesta republica, auferem coroneis da Guarda Nacional pelo exito de tranquiernas eleitoraes...

Francisco Prisco

Capitulo do livro *José Verissimo e a sua obra*.

Jogos Educativos Brasileiros e o seu papel Psicho-Sensorial da criança

(Especial para a Escola Primaria pela Professora Ilka Labarthe)

Os sentidos collocados em observação sobre o mundo exterior transmittem ao centro pensante suas sensações, suas impressões, ou primeiras noções adquiridas de que a intelligencia se apodera, para analysar os factos, comparal-os entre si, julga-los segundo suas relações, classifica-los segundo sua especie, conservando de tudo isso uma lembrança muito viva.

E' assim que a criança chega a conhecer e a saber.

Para conduzi-la a essas multiplas descobertas nenhum outro meio é comparavel ao chamados «Jógos Educativos».

Por meio desses jógos a criança aprende a sentir, a olhar, a ouvir, conscientemente afim de responder as perguntas que lhe fazem e que lhe prendem a attenção, pois que os jógos se utilizam de diversos materiaes que habilmente escolhidos e manipulados conduzem a um objecto bem definido.

E' com alegria que a criança destingue, escolhe, classifica, conta, recorta, ajunta, constróe.

Os «Jógos Educativos» revelam noções que reclamam a intervenção directa da professora que agindo de conformidade com a boa pedagogia dedicará periodo maior de tempo ao trabalho pessoal da criança, ao desenvolvimento das suas percepções sensoriaes e da sua aptidão motora. O papel desses jógos é então de capital importancia porque entram em contacto com a criança na occasião em que ella chega ao começo de sua evolução, em que

ella procura e apreheende por si mesma, sosinha, as leis da logica.

Com auxilio dos «Jógos Educativos» a professora intervem usando de processos semelhantes aos que são empregados pela natureza. Neste periodo de aprendizagem as coisas apresentadas devem ser ensinadas, por isso os jógos contêm tudo o que se relaciona com as grandes categorias de occupaões do adulto e que estão intimamente ligados á technica escolar habitual.

Graças a esses jógos a criança torna-se observadora, intelligente, sempre prompta a perguntar e concluir. Ella induz e deduz. Tudo o que ella descobre se fixa no seu cérebro e a sua pequena individualidade se affirma. Exercem então os «Jógos Educativos» um grande papel na formação do character da criança.

Ao contacto do brinquedo educativo, as tendencias surgem, e uma vez descobertas pela professora, devem ser orientadas para o bem, sem ser preciso tentar destrui-las, o que traria consequencias desastrosas.

Conscientes do grande auxilio que lhes prestam os «Jógos Educativos» na pre-educação e mesmo na educação propriamente dita é que varias professoras vêm de ha muito procurando com o maximo de esforço e minimo de tempo, crearem «Jógos Educativos», afim de suprir em parte a falta imprescindivel de material apropriado.

Madame L. Artus Perrelet a grande educadora do Instituto J. J. Rousseau depois de 2 annos de contacto com o problema educacional no Brasil e de sentir a imperiosa necessidade de «Jógos Educativos» adaptados á nossa mentalidade, ás nossas produções e necessidades, creou os «Jógos Educativos Brasileiros» que a Casa Villas Bôas & Cia., editou em hora feliz.

Com a edicção dos «Jógos Educativos Brasileiros», fica em parte resolvido o problema da pre-educação, ou do aperfeiçoamento psicho-sensorial da criança — pro-

blema por que se vêm batendo todas as professoras conscientes de seu dever.

Tendo entre as mãos as duas séries de jôgos em que Mme. Artus Perrelet divide o seu trabalho não me posso furtrar ao prazer de transcrever as explicações dadas sobre um desses jôgos — maravilhoso instrumento na aquisição da noção pratica da unidade, do calculo em summa e a que elle chama simplesmente, sem nenhuma rethorica «O Lenhador».

E' Mme. Artus Perrelet quem fala:

INSTRUCÇÕES

« 1) — PAULO E MARIA, venham cá e tragam os seus signaes numericos, zero e um. E a classe fórme um grande circulo em torno de nós. Que vocês estão vendo em torno deste círculo? — Nada. — Fechem os olhos. Paulo vae collocar no circulo o signal numerico, dizendo que elle não tem nada e sae da roda. Que pensam vocês que elle collocou? — Um zero. — Olhem, está certo. João, venha aqui, eu vou dizer a você *sósinho* o que tem de fazer. (João colloca-se no centro do circulo, abaixa-se e diz, em tom de lamento): — Eu estou sósinho, sou um menino sósinho, sem amigos. Como é que vocês vêm o João? — Elle está sósinho. — Fechem os olhos e Maria vae collocar ao lado de João o signal numerico que significa: Um menino sósinho. Olhem, é o numero 1, o primeiro numero. Como é que está o *um*? — Está sósinho. — Sim, o *um* representa uma unidade de meninos sósinhos, pois cada um de vocês é uma só unidade. — Marcos e Joanna, venham aqui para o centro deste circulo com duas fichas, o signal + de addição e aquelle que diz igual. Vejamos, aqui está Marcos, que é? — Uma unidade, menino — E' Joanna? — E' uma unidade de menina. — E podemos sommar os dois e dizer que elles formam um total de meninas? — Oh! Não. — Então, que fazer? — Tomar duas unidades meninas e duas unidades

meninos. — Assim, que observamos? — Que não podemos senão addicionar unidades da mesma especie. — Bem, reunam Joanna com Rosa, e Marcos com Pedro. Marcos, penha a addição aos pés das meninas. Um tento representa a unidade Joanna + um outro tento que representa a unidade Rosa = duas meninas. Joanna, faça o mesmo com os dois meninos.

2) — Abram suas caixas, tirem os tentos e signaes numericos. Fechem os olhos e estendam a mão esquerda. Eu vou dar a vocês, agora, unidades de tentos e vocês vão contar-os sem olhar e depois escolherão depressa o signal numerico correspondente á somma. Colloquem-se todos em frente para que eu os possa dirigir. Joguem, em seguida, duas a duas as da mesma especie de tentos e annunciem as unidades recebidas. Cada um, por sua vez, verifica o que fez o seu companheiro. Agora, fechem os olhos, tomem os tentos na mão esquerda e os addicionem com o que vou collocar em suas mãos direitas; depois colloquem o signal numerico da somma obtida em frente de vocês. (A professora collocará na mão das crianças os objectos mais diversos, como pedras, botões, etc., que deverá alternar com tentos e perguntará ás crianças si ellas podem ou não fazer a addição).

3) — TIREM SEUS CARTÕES das caixas. Eis uma arvore, colloquem-na diante de vocês, á esquerda. Como está ella representada? — Perden as folhas e está completamente secca. E' apenas um pedaço de madeira morta, propria para lenha. — Quem vamos chamar para derrubar-a? — O lenhador. — Colloquem cada cartão de que eu fallar, em linha, á direita de suas arvores. Vejamos os instrumentos de trabalho. Primeiro a corda, o lenhador vae escolher o lugar onde a arvore poderá tombar sem causar estragos. Depois amarrará solidamente a corda nos galhos que estão deste lado. Apanha o machado e do lado opposto áquelle onde a arvore deve cair, elle talha o tronco proximo ao sólo. Agora de que é que elle precisa? — Da

serra. — Mas, é preciso pedir o auxilio de um outro lenhador, porque a serra só pôde ser utilizada por duas pessoas. Antes de fazer o trabalho, o segundo lenhador vae fixar tambem a corda aos galhos da arvore. O tronco está quasi inteiramente serrado e para terminar ha necessidade de que os dois lenhadores se colloquem a grande distancia. Vão puxar juntos as cordas e crac! Eis a arvore cahida no chão. Com o serrote commum os galhos vão ser cortados e amarrados em feixes.

4) — AGORA, COLLOQUEM sobre o 1º cartão dois tentos e em baixo tres. Raul, venha fazer esta lição no quadro negro. Raul $2 + 3 = 5$ arvores. Sobre o 2º cartão colloquem 4 tentos e em baixo

dois. Façam todos a addição, utilizando todos os signaes necessarios. Que têm vocês por total? — Seis lenhadores. — Sobre o terceiro cartão colloquem cinco tentos e em baixo dois. Que obtiveram? — Sete cordas, etc. O calculo continua assim. A professora procederá do mesmo modo para a subtração. Porém, desta vez, os tentos collocados em baixo do cartão são subtraídos dos que foram collocados em cima e o resto será sempre enunciado com clareza.

5) — A LEITURA utilizará a disposição dos cartões do n. 3 — cada palavra será escripta no quadro negro, segundo o methodo de ensino adoptado pelo professor. »

Collecção do anno 1930 - 31

d'A ESCOLA PRIMARIA

FORMA UM VOLUME DE 255 PAGINAS.
CONFERENCIAS PEDAGOGICAS. ARTIGOS DOUTRINARIOS. INTERESSANTES TRABALHOS SOBRE A ESCOLA ACTIVA.
LIÇÕES E EXERCICIOS PRATICOS QUE CONSTITUEM EXCELLENTE GUIA PARA O PROFESSOR

PREÇO { encadernada 16\$000
em avulsos 14\$000

Dirigir os pedidos á Redacção d'A ESCOLA PRIMARIA.
— — Rua 7 de Setembro, 174 — —

RIO DE JANEIRO

Tres palavrinas

KIMONO.—Esta palavra japoneza entrou triunphante em todas as linguas occidentaes. Escreve-se em francez e em inglez *kimono*, pronunciando-se respectivamente *kimonô* e *kimôno*. Os hespanhoes adoptaram a fôrma *quimón*. Quanto a nós, usamos escrever *kimono*, como os francezes e os inglezes; pela graphia nova deve ser *quimono*, conforme ensina Gonçalves Viana, que tambem consigna *quimão*.

Nossa pronuncia mais geral é *kimôno*, exactamente como a ingleza; entretanto apparecem alguns, de longe em longe, que dizem *kimono*. e outros que pronunciam a franceza, *kimonô*.

Penso que se deve preferir a prosodia *kimôno*.

ESCROC.—Palavra franceza, que se empregã frequentemente em quasi todos os paizes. Usamol-a nós a cada passo, mas com uma singularidade: é que os francezes, senhores do vocabulo, dizem *escrô*, ao passo quo no Brasil quasi todos pronunciam *escróque*... Parece-me que neste caso devemos corrigir; tentemol-o, pelo menos.

ESTRILAR.—O verbo *estrilar*, na gíria carioca, tem sentido bem preciso: *ficar fulo, enraivecer-se, protestar, gritar, fazer escandalo*. Diz-se tambem *dar o estrilo*. Registam-no muito acertadamente os dois mais recentes colleccionadores que publicaram resenhas desse pittoresco vocabulario: Nascentes em *Linguaajar carioca* e R. Pederneiras em *Geringonça carioca*. Superflua, pois, seria esta nota, se não visasse a outro fim, que é o de chamar a attenção dos estudiosos para a facilidade com que podemos ser, pelos dicionaristas, induzidos em erro.

Palavra contemporanea, de uso frequentissimo, conhecemos-lhe bem o sentido nós, do Rio de Janeiro, como quasi todos os brasileiros, pois o vocabulo está disseminado hoje de Norte a Sul. Pois um dos mais citados compiladores de palavras

peculiares ao Brasil, o Padre Teschaner, em seu *Novo Diccionario Nacional*, diz: «*Estrilar*: produzir som agudo, peculiar a certos insectos.» E abona com o seguinte trecho: «O coronel estrilou, vermelho como um pimentão, e agora é que foi bradar.» Logo se vê que o bom jesuita, tão grande amigo de nossas coisas, não percebeu o sentido do trivialissimo *estrilar*. Não estaria talvez vulgarizado no Rio Grande do Sul, quando elle compunha sua obra...

MESTRE-ESCOLA

Problemas de um só calculo

Problemas-tipos

(Conclusão)

Passando aos problemas de multiplicação e de divisão, será necessario, como já foi dito, examinar os usos das duas operações, exemplificando fartamente. Pelo estudo comparado a que já me referi, os alumnos rapidamente saberão distinguir os casos que reclamam um ou outro calculo.

Os problemas de generalização devem ser dados em ultimo lugar, não só por serem abstractos, como por constituirem a applicação das deducções que os outros problemas devem ter provocado.

MULTIPLICAÇÃO

- 1—Quantas horas tem o mez de Julho?
- 2—Por 1\$000 comprei uma duzia de laranjas. Com 15\$000 quantas laranjas poderia comprar?
- 3—Repartindo-se certa quantia por pessoas, recebe cada uma. . . . Qual é esta quantia?
- 4—Quantos metros ha em 4,km5?
- 5—Para pavimentar um pateo são necessarios. . . . ladrilhos de. . . . de superficie. Qual a superficie do pateo?

6—Quantas voltas dá o ponteiro grande de um relógio em uma semana?

7—O sol é cerca de 1.300.000 vezes maior que a terra e esta 49 vezes maior que a lua. Quantas vezes o sol é maior que a lua?

8—Um trem, minutos depois de partir, alcança outro que percorre por minuto. . . . metros menos que elle. A que distancia já estava o primeiro quando partiu o ultimo?

9—Dividindo-se certo numero por , obtem-se. . . . Qual é esse numero?

10—Numa divisão, o divisor é. . . . e o quociente é. . . . Qual é o dividendo?

11—Qual o numero que contém (ou —no qual é contido)..... vezes o numero.....?

12—Qual o numero..... vezes maior que.....?

13—Um numero é..... vezes maior que outro e este, por seu turno é. . . . vezes maior que um terceiro. Quantas vezes o primeiro é maior que o terceiro? (ou—o terceiro é menor que o primeiro?)

14—Um numero é..... vezes menor que outro e este, por seu turno, é..... vezes menor que um terceiro. Quantas vezes o primeiro é menor que o terceiro?

DIVISÃO

1—Uma pessoa viajou. . . . horas. Quantos dias durou a viagem?

2—Quantos Hm equivalem a..... metros?

3—Quantos ladrilhos de..... de superficie são necessarios para pavimentar um pateo de superficie igual a.....?

4—São precisas..... taboas para assoalhar uma sala de....., de área. Qual a área de cada taboa?

5—Um expresso já venceu 10 km., quando parte da mesma estação outro que percorre mais que o primeiro 200 metros por minuto. Quanto tempo após a partida do ultimo, este alcança o primeiro?

6—Um automovel já percorreu 10 km., quando do mesmo ponto de partida sae outro. 50 minutos depois este alcança o primeiro. Qual a diferença de velocidade por minuto dos dois automoveis?

7—Qual o numero que, multiplicado por..... é igual a.....?

8—Dividindo-se..... por um certo numero, obtem-se..... Qual é este numero?

9—Numa multiplicação, o producto é..... e um dos factores é..... Qual é o outro factor?

10—Numa divisão, o dividendo é..... e o quociente é..... Qual é o divisor?

11—Quantas vezes o numero..... contém o numero.....?

12—Qual o numero que é contido..... vezes em.....?

13—Qual o numero..... vezes menor que.....?

ELZIRA GLYCERIA LINS

TRES PALAVRINHAS

Acha-se á venda esta obra em que foram colleccionadas as notas já publicadas sob o mesmo titulo em "A ESCOLA PRIMARIA".

Edição da Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, São Paulo e Bello Horizonte.

PREÇO DA ELEGANTE BROCHURA, CAPA ARTISTICA, 5\$000

Pratica da Escola Nova

(Projeto apresentado e realizado por alunos de uma turma do 3º ano do Grupo Escolar «REPUBLICA DO PERU»).

Os varios problemas enunciados e estudadas pela classe, foram resolvidos insensivelmente dentro do tema dado pelo Inspector, para o primeiro trimestre: o Distrito Federal e suas zonas.

O projeto constou de uma casa rustica em miniatura, feita de barro, areia, cimento e fragmentos de bambú, construida sobre um taboleiro de 1^m por 0,60, contendo varias camadas de terra, onde as crianças reservaram logares para o poço e para uma plantação figurada.

A realização fez-se tanto quanto as circunstancias o permitiram.

Projeto—Construção de uma casa de sapé.

PRIMEIRO PROBLEMA: a casa deve ser construida em morro ou em local plano?

Os alunos discutiram as vantagens e desvantagens de um local e de outro, até que venceu o ultimo.

Dada essa oportunidade, foram estudados: morros do Distrito Federal. Regiões onde se encontram muitas barreiras (olaria e ceramica, productos e profissões relativas). Zona rural com seus caracteristicos, bem como os das zonas urbana (incluindo nessa os suburbios) e maritima (ilhas). Aspeto fisico do Distrito Federal. Brejos, lagoas. Saneamento pelos eucalipptos. Drenos. Vegetação, proteção às florestas. Clima do Distrito Federal. Sítios de temperatura amena.

SEGUNDO PROBLEMA: como se abastecerá d'agua a casa?

Perguntei às crianças si já haviam ido á casa de alguém que more em qualquer dessas estações de zona rural e si repararam donde provém a agua para a lavagem da roupa, etc. Imediatamente citaram varias pessoas conhecidas e lembraram os poços e bicas ou os chafarizes dis-

postos na via publica. Compararam esse sistema ao que se usa na zona urbana e quizeram saber como antigamente se obtinha agua.

Estudámos então: poços e molestias que a agua do poço póde transmitir. Profilaxiã da febre amarela e do tifo. As pedras e as pedreiras: onde essas podem ser exploradas. Profissões decorrentes. Lençol dagua. Mananciais e rios do Distrito Federal. Abastecimento dagua, vasos communicantes (experiencia com o proprio aparelho). Os grandes reservatorios da cidade. Como se obtinha agua no Rio antigo. A fama do rio Carioca, os chafarizes, os escravos carregando os barris dagua, etc. A agua nos tres estados, os solidos, liquidos e gases. O vapor dagua como força motriz: locomotivas, vapores, etc. Outras forças motrizes. A eletricidade: bondes e luz.

TERCEIRO PROBLEMA: como eram as casas primitivas da cidade?

Poderíamos construir a nossa em miniatura, assim?

Depois de hipoteses mais ou menos acertadas e leituras para esclarecimento, apresentou-se ocasião para saberem onde nasceu a cidade. Franceses no Rio de Janeiro. Defesa atual da cidade contra as invasões.

QUARTO PROBLEMA: como cercar o terreno?

Aí se oferece oportunidade para muitos problemas de perimetro com suas modalidades, falando-se de cercas de arame, estacas, espinheiros, muros, etc.

Prumo e nivel. Divisas do Distrito Federal. Configuração. Area.

QUINTO PROBLEMA: o terreno deve ser plantado?

Por essa ocasião falou-se do desenvolvimento da lavoura na zona rural; na importancia da cultura das terras.

Surgiram varias questões: como levam, os pequenos lavradores, seus productos á feira?

— Animaes, carros de boi, trem, autos-caminhões e por associação as conduções das demais zonas e os transportes

através da evolução do Rio de Janeiro (meios de transporte), ferrovias e rodovias, a Estrada Real de Stª. Cruz, a Fazenda Nacional de Stª. Cruz e o Matadouro Municipal. Os variados meios de comunicação.

Quem constróe as estrada?

— O governo do D. Federal. Divisão administrativa e organização politica. Sua dependencia do governo federal.

E' facil procurar, no orgão official da Prefeitura, onde vem a tabela que determina os preços dos productos nas feiras livres?

— Procura do simbolo da Prefeitura do Distrito Federal. Simbolos do Distrito Federal e, por associação, simbolos da Patria.

Expressão concreta e abstrata.

O desenho acompanhou sempre os estudos, ilustrando-os.

Foram traçados varios mapas do Distrito Federal.

Modelagem e trabalhos em madeira: artigos de olaria e ceramica, productos vegetais, gado, casas, barcos, peixes, meios de transporte, etc.

Linguagem e arithmetica - Além dos exercicios gramaticaes feitos no estudo de sentenças adequadas, redigiram-se cartas,

descrevendo o projeto, pedindo preços de materiais de construção, de arvores, de sementes, pedindo remessa de catalogos, falando dos costumes do Rio antigo, etc.

Os problemas de arithmetica versaram sobre avaliação de perimetro, despesas de construção, tabelas de preços de productos, passagens, capacidade de reservatorios, etc. e muitos foram formulados pela classe.

Album — Foi confeccionado por colaboração, o album de fotografias do Distrito Federal.

Os alunos organizaram ainda o livro de classe, que receberam o nome (escolhido entre os colegas) de «Livrinho do Coração».

Leituras — Além de revistas e livros contendo assuntos que esclareciam os problemas, lemos os trechos de Páginas Cariocas, de Nelson Costa, que mais nos interessavam na ocasião.

Para estudos como esse, são excelentes meios de observação direta: excursões a olarias e pedreiras, a varios pontos importantes das tres zonas estudadas, a reservatorios, etc.

Eduviges Machado Pereira de Oliveira

VALERENO

Com base de valeriana fresca e simulo

O verdadeiro e o mais poderoso medicamento das affecções nervosas, em geral, e particularmente, dos

— — distúrbios hystericos — —

250 PALAVRAS OU MENOS POR 5:000\$000

A "SUL AMERICA" organizou um concurso sobre o thema "O QUE O SEGURO DE VIDA REPRESENTA PARA MIM".

A qualquer pessoa é facultado enviar, até 31 de Outubro de 1931,, uma composição sob a forma de carta, artigo, novela ou dissertação até 250 palavras, expondo o que pensa sobre o seguro.

Serão distribuidas as recompensas seguintes:

UM 1º. PREMIO DE 5:000\$000
UM 2º. PREMIO DE 2:000\$000
UM 3º. PREMIO DE 1:000\$000
E 20 PREMIOS DE 100\$000

O Jury compõe-se dos Srs. Drs. James Darcy, Aloysio do Castro, Vergue de Abreu, João Ribeiro e Alvaro Pereira.

Para informações mais minuciosas dirijam-se á Companhia, solicitando a remessa de um folheto explicativo.

" S U L A M E R I C A "

CAIXA POSTAL 1946

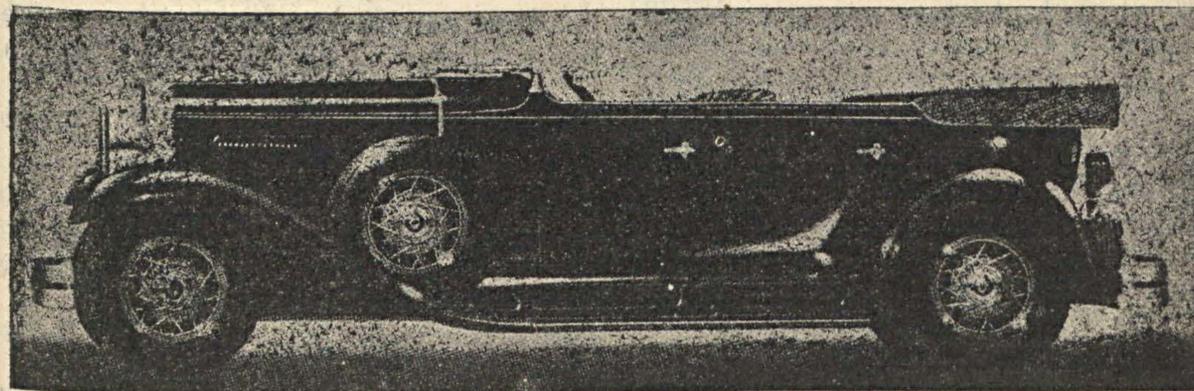
— Rio de Janeiro —

Dentista de Creanças e Senhoras

Professora Nair Carvalho de Cruz

RUA PORTO ALEGRE, 41 — E. Novo — Telephone 9-3024

NASH



Modelo 663—TOURISMO DE 5 PASSAGEIROS (Fornecido com equipo Royal. como está illustrado, por um ligeiro custo adicional)

G E R E N T E S

COMPANHIA COMMERCIAL E MARITIMA

RUA BENEDITINOS, 1 a 7

(ESQUINA DA AVENIDA RIO BRANCO)

CASCARENO

Nome actual da Cascarina Glycerinada

— — de Orlando Rangel — —

REEDUCADOR DOS INTESTINOS

Sem igual para combater

a prisão de ventre habitual

e a dyspepsia gastrica

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE J NEIRO

S. PULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 49 A Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO

| | |
|--------------------------|--------|
| Cartilha Nacional..... | \$600 |
| 2. Livro de Leitura..... | 1\$000 |
| 3. Livro de Leitura..... | 1\$000 |
| 4. Livro de Leitura..... | 1\$000 |

THOMAZ GALHARDO

| | |
|---------------------------|--------|
| Cartilha da Infancia..... | \$600 |
| 2. Livro de Leitura..... | 1\$500 |
| 3. Livro de Leitura..... | 2\$500 |

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

| | |
|--------------------------|--------|
| 1. Livro de Leitura..... | 2\$000 |
| 2. Livro de Leitura..... | 2\$500 |
| 3. Livro de Leitura..... | 3\$000 |
| 4. Livro de Leitura..... | 4\$000 |
| 5. Livro de Leitura..... | 4\$000 |

SERIE PUIGGARI-BARRETO

| | |
|--------------------------|--------|
| Cartilha Analitica..... | 1\$500 |
| 1. Livro de Leitura..... | 2\$500 |
| 2. Livro de Leitura..... | 3\$000 |
| 3. Livro de Leitura..... | 3\$000 |
| 4. Livro de Leitura..... | 2\$500 |

ARNALDO BARRETO

| | |
|-------------------------|--------|
| Cartilha das Mães..... | 1\$000 |
| Primeiras Leituras..... | 2\$000 |
| Leituras Moraes..... | 2\$000 |

FRANCISCO VIANNA

| | |
|--------------------------------|--------|
| Primieros Passos na Leitura... | 1\$500 |
| Cartilha..... | 1\$800 |
| Leitura preparatoria..... | 2\$500 |
| 1. Livro de Leitura..... | 2\$500 |
| 2. Livro de Leitura..... | 3\$000 |
| 3. Livro de Leitura..... | 3\$000 |
| 4. Livro de Leitura..... | 4\$000 |

JOÃO KOPKE

| | |
|--------------------------|--------|
| Livro de Leitura..... | 2\$000 |
| 1. Livro de Leitura..... | 2\$500 |
| 2. Livro de Leitura..... | 2\$500 |
| 3. Livro de Leitura..... | 3\$500 |
| 4. Leitura Praticas..... | 4\$000 |
| 4. Leitura Praticas..... | 2\$000 |
| Fabulas (em verso)..... | 1\$500 |

D. MARIA ROSA RIBEIRO

| | |
|-----------------------------|--------|
| Leitura Intermediaria..... | 2\$000 |
| Leitura para o 2. anno..... | 2\$500 |
| Leitura para o 3. anno..... | 2\$500 |
| Leitura para o 4. anno..... | 3\$000 |

D. RITA DE MACEDO BARRETO

| | |
|-----------------------------|--------|
| Leituras Preparatorias..... | 2\$500 |
| 1. Livro de Leitura..... | 2\$500 |
| 2. Livro de Leitura..... | 3\$000 |
| 3. Livro de Leitura..... | 3\$000 |
| 4. Livro de Leitura..... | 5\$000 |

JOÃO RIBEIRO

| | |
|---------------------------------|--------|
| Autores Contemporaneos..... | 4\$000 |
| Selecta Classica (em impressão) | 4\$000 |

ASSIS CINTRA

| | |
|-------------------------|--------|
| Pequenas Historias..... | 2\$500 |
|-------------------------|--------|

O. BILAC e M. BOMFIM

| | |
|---------------------------|--------|
| Atravez do Brasil..... | 4\$500 |
| Leitura complementar..... | 4\$000 |
| Livro de composição..... | 4\$000 |

CARMEN GILL

| | |
|------------------------|--------|
| Instrucção Civica..... | 4\$000 |
|------------------------|--------|

ALTINA DE FREITAS

| | |
|---------------|--------|
| Cartilha..... | 2\$000 |
|---------------|--------|

ANNA CINTRA

| | |
|-------------------------------|--------|
| Ensino Completo de Leitura... | 1\$500 |
|-------------------------------|--------|

A. JOVIANO

| | |
|----------------------------------|--------|
| Primeira Leitura (para crianças) | 2\$000 |
| Primeira Leitura (para adultos). | 2\$000 |
| Lingua Patria—1. Livro..... | 4\$000 |
| « « —2. Livro..... | 5\$000 |
| « « —3. Livro..... | 5\$000 |

MARIA DO CARMO P. NEVES

| | |
|--|--------|
| Exercicios de Linguagem — (1., 2. e 3. annos)..... | 3\$000 |
| Exercicios de Linguagem — (4. e 5. annos)..... | 4\$000 |
| Exercicios de Linguagem — (6. e 7. annos)..... | 4\$000 |

MANOEL BOMFIM

| | |
|-------------------------|--------|
| Primeiras Saudades..... | 4\$000 |
| Creanças e Homens..... | 3\$000 |

E. DE AMICIS

| | |
|--------------|--------|
| Coração..... | 3\$000 |
|--------------|--------|

AFRANIO PEIXOTO

| | |
|------------------------------|--------|
| Minha Terra e Minha Gente... | 4\$000 |
|------------------------------|--------|

BILAC e C. NETTO

| | |
|------------------------|--------|
| Contos Patrios..... | 3\$500 |
| Patria Brasileira..... | 3\$500 |
| Theatro Infantil..... | 2\$500 |

ALBERTO DE OLIVEIRA

| | |
|-----------------------|--------|
| Céo, Terra e Mar..... | 3\$500 |
|-----------------------|--------|

Remmettemos nosso catalogo gratis, para todo o Brasil